

ENTREVISTA COM O AUTOR

ENTREVISTA DE MAURÍCIO WALDMAN AO BOLETIM INFORMA AGB,
Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local São Paulo

ENTREVISTA COM O AUTOR traz nesta edição Maurício Waldman, mestre em Antropologia e doutorando em Geografia pela Universidade de São Paulo. Waldman é autor de vários livros, dentre os quais *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil*, datado de 1992 (agora na sua 5ª edição) e do *Guia Ecológico Doméstico*, lançado em 2000. Ambos podem ser encontrados na Livraria da nossa entidade.

INFORMA AGB - QUAL FOI O CONTEXTO ACADÊMICO E PROFISSIONAL NO QUAL VOCÊ ELABOROU OS TEXTOS QUE COMPÕEM SEU LIVRO ECOLOGIA E LUTAS SOCIAIS NO BRASIL E O GUIA ECOLÓGICO DOMÉSTICO?

Maurício Waldman: Vou falar um pouco sobre minha formação e depois sobre os livros. Bem, acredito que existam três aspectos básicos na minha prática enquanto cidadão: a militância nos movimentos sociais, a participação na administração pública e o meu trabalho na academia. Nasci em São Paulo, fui militante ambientalista por muitos anos, uma luta de três décadas. Foi a partir do contato direto com questões referentes ao meio ambiente que comecei a coletar dados sobre os principais movimentos sociais atuantes na questão ambiental assim como os seus direcionamentos estratégicos. Este enfoque terminou abrangendo lutas muito diferentes, como o caso da represa Billings, da mobilização contrária ao projeto do submarino nuclear de ARAMAR e a questão dos Parques e Jardins no meio urbano. Também junto com o professores Ariovaldo Umbelino de Oliveira (USP) e Carlos Walter Porto Gonçalves (UFRJ), mantive contato com Chico Mendes e várias lideranças seringueiras. Outra experiência importante foi o CEDI, aonde trabalhei por três anos e meio. Já tive, pois uma grande participação nos movimentos sociais. Embora hoje eu esteja distanciado do dia-a-dia da militância, participo ativamente em assessorias junto aos movimentos de base, recebendo convites para palestras e cursos. Na administração pública, em função da minha atuação no movimento ecologista, fui Diretor do Parque Chico Mendes e Secretário do Meio Ambiente de São Bernardo do Campo. Também chefeiei a Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. No meio acadêmico, sou autor de vários artigos e livros.

A graduação em sociologia me levou a uma preocupação com o aspecto social da questão ambiental. A minha formação em antropologia estimula-me a trabalhar a articulação de cultura e meio ambiente, de universo simbólico e espaço construído. Interessei-me pela geografia nos anos oitenta, numa época em que exercia muita militância política. Neste mesmo período conheci o Professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira, sob cuja orientação estou desenvolvendo atualmente minha tese de doutorado. Quanto aos livros, embora dizendo respeito à mesma temática, a ambiental, cada um deles incorpora uma vertente distinta. *Ecologia e Lutas Sociais* está centrado no relacionamento entre os movimentos sociais e a questão ambiental, ultrapassando assim o marco dos assim chamados movimentos ecológicos. Isto porque temos tipos de movimentos que apesar de não serem ecológicos em seu *strictu sensu*, objetivamente possuem interface com a questão ambiental. No geral os movimentos camponeses desenvolvem reivindicações com uma conotação ambiental, uma vez que se pleiteiam utilizações mais racionais para o solo e outros recursos naturais. Este seria o caso, por exemplo, do MST. Outro exemplo seria o caso do Movimento dos Povos da Floresta, voltado à preservação de modalidades tradicionais de relação com a natureza na Amazônia. Escrevi a respeito destes movimentos diversos artigos. Um destes foi *Ecologia na Perspectiva dos Trabalhadores*, publicado na Revista Tempo e Presença (1988, CEDI), sem dúvida alguma o que conquistou maior difusão. Então o Ariovaldo (isto é, Professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira) sugeriu, na época, que eu reunisse estes artigos publicados num livro, que logo foi lançado com o título de *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (1992, Contexto). Já o *Guia Ecológico Doméstico*, escrito em co-autoria com o engenheiro Dan Schneider (1992, Contexto) refere-se mais ao contexto individual. Deste modo, eu produzi textos nas duas grandes perspectivas de análise, a geral e a particular, por entender que não existe problema ambiental que possa ser resolvido numa única esfera. Questões ambientais tais como o problema do lixo, gestão dos recursos hídricos, uso racional da eletricidade, etc, *sugerem uma responsabilidade compartilhada*. A primeira delas, cabe ao *poder ou administração pública*, exercida em três diferentes níveis (federal, estadual e municipal), A segunda, é a da sociedade, que conta com uma diversidade maior de atores sociais. Nesta, temos a atuação de escolas, igrejas, universidades e empresas em suas diferentes modalidades, assim como associações de bairro, sindicatos, movimentos urbanos e rurais, etc. Finalmente temos o *nível individual*, com o indivíduo enquanto elemento de atuação, no espaço da sua casa, do seu bairro, do seu local de emprego e assim por diante. Não adianta apenas um dos três níveis agir isoladamente, pois é preciso articular ao máximo estes três níveis nas intervenções em prol da conservação da natureza. Alguns exemplos: a falha do projeto de coleta seletiva de lixo de Ribeirão Preto (SP) decorreu da ausência de um programa de educação ambiental. Ou seja, faltou interlocução com a sociedade. Para contribuir com a gestão da questão do lixo em Presidente Prudente (SP), onde há um lixão implantado numa área de nascentes, poderia ser formada uma cooperativa de catadores, pois este movimento está presente na cidade. Os catadores, entretanto, não contam com apoio da prefeitura....

INFORMA AGB - UMA VEZ QUE A GEOGRAFIA TRAZ EM SEUS FUNDAMENTOS A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA, COMO VOCÊ VÊ OS TRABALHOS DESENVOLVIDOS EM GEOGRAFIA, A RESPEITO DA QUESTÃO AMBIENTAL?

Maurício Waldman: Tendo formação como sociólogo, antropólogo e geógrafo, eu diria que a área menos sensível destas disciplinas é a sociologia. Isto decorre de um "estado de espírito" muito influenciado por uma visão fechada de Karl Marx, por um marxismo fechado, onde a questão ambiental é um não-problema. A geografia tem debatido a questão ambiental muito mais claramente. O geógrafo vive uma falsa crise, muitas vezes mesclada com uma preocupação exacerbada com o método, sendo que a geografia dá conta de sua problemática que é o espaço utilizando metodologias provenientes de outras ciências. *O mais importante é o fazer geografia.* Comparando sociologia e antropologia, esta última tem uma preocupação maior com a questão do espaço até porque ele é inseparável de muitas articulações simbólicas e da reprodução social dos grupos. Embora os sociólogos tenham apresentado progressos neste sentido nos últimos anos, é inegável que os antropólogos tem desenvolvido uma produção sobre meio ambiente bem mais significativa.

INFORMA AGB - MAS TAMBÉM EXISTEM RESISTÊNCIAS AO TEMA DA ECOLOGIA E DA QUESTÃO AMBIENTAL NA GEOGRAFIA...

Maurício Waldman: Na geografia esta discussão também não era muito fácil, até por conta do viés de um marxismo interiorizado nas suas acepções mais ortodoxas. Para muitas correntes de esquerda, esta não era uma discussão que favoreceria a superação do capitalismo, que favorecesse o progresso da revolução... Mesmo na CUT existia resistência em aceitar reivindicações como as das reservas extrativistas na Amazônia, defendida por Chico Mendes. As polêmicas em torno do tema também se processavam em função de uma falsa dicotomia entre geografia física e geografia humana. Ora, não se pode ser um bom geógrafo humano sem conhecer os aspectos físicos e vice-versa. Recorde-se que no âmbito das ciências sociais como um todo nunca a questão ambiental deteve inserção muito forte. Ela é certamente mais presente na geografia e na antropologia. A sociologia manteve-se distante destas preocupações por largos lapsos de tempo, pois o tema ambiental era até mesmo julgado como um discurso pequeno burguês, não sendo considerado de capital importância para a sociedade.

INFORMA AGB - COM ESTA VISÃO SOCIAL E POLÍTICA DA QUESTÃO AMBIENTAL, COMO SE SITUARÃO OS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS DADO QUE ESTA ASSUME DIMENSÕES MUNDIAIS?

Maurício Waldman: Este é um problema sério e difícil. Dados da ONU indicam que daqui uns 15 anos, lá por volta de 2015, das quarenta e sete maiores cidades do mundo, apenas cinco estarão no Primeiro Mundo. Em 2015, estima-se que a 3ª maior cidade do mundo será Lagos, na Nigéria, com cerca de 22,5 milhões de habitantes. Daca, capital do miserável Bangladesh, estará com aproximadamente 19 milhões de habitantes. E a relação de megalópoles do Terceiro Mundo se estenderia por dezenas de outras cidades. Ora, na década de 60, as maiores cidades eram quase todas do Primeiro Mundo: Nova York, Moscou, Tóquio, Paris, Londres, Chicago. No século XXI, o fenômeno urbano estará basicamente concentrado no Terceiro Mundo, formando conurbações cercadas por uma

periferia de cidades médias e pequenas com grandes problemas de infra-estrutura. Este quadro é dramático, um cenário muito pior que *Blade Runner*, pois estamos nos referindo a cidades nas quais por vezes possuir um guarda-chuva é motivo de status. Não há nem roupa, nem comida, e até mesmo a noção de se possuir uma casa ou teto já foi perdida ou pelo mínimo fortemente comprometida. Na Índia existe uma população de rua que já está várias gerações habitando as calçadas das grandes cidades, não possuindo memória de qualquer antepassado que fosse morador de um imóvel. Assim como devemos situar a questão ambiental no Terceiro Mundo? Em primeiro lugar, o certo é que não existirá resolução da questão ambiental desvinculada da social e vice-versa. Em segundo lugar, devemos parar de dissociar economia de ecologia. Mesmo etimologicamente os dois termos tem a mesma raiz grega, *oikos*. Não adianta falar apenas em preservação. Existem amplas possibilidades em termos de uma economia ecológica, por exemplo. É necessário também pensar a ecologia no lugar em que se vive, que é cada vez mais *um meio urbano artificial*. No entanto, embora a maior parte da população mundial habite cidades, os referenciais ecológicos continuam distantes deste habitat, apelando para ícones rurais ou selvagens. Estes signos ambientais "puros" apelam em muitos casos para representantes do mundo animal, caso da baleia, ararinha azul, borboleta *morpho*, mico leão-dourado, urso panda, etc. Esta concepção que opõe meio urbano e natureza é errônea, uma idéia fora do lugar. É necessário fazer ecologia justamente onde ela está mais fragilizada, isto é, voltarmos-nos principalmente para o meio urbano. Recorde-se que as megalópoles podem ser entendidas como vastos *ecossistemas artificiais*, com processos de entradas e saídas de fluxos numa ponta e gerando resíduos sólidos, líquidos e gasosos de índole diversa na outra. Assinalava Milton Santos, os *sistemas de engenharia* são de extrema importância para compreendermos a organização do espaço e no nosso caso, do espaço urbano. Por fim, existe também o problema da importação dos móveis das lutas ambientalistas, como é o caso, por exemplo, da luta contra a energia nuclear. Embora o nuclear seja uma questão indiscutivelmente importante, os principais problemas ambientais brasileiros são outros. É a questão do saneamento básico, da ocupação dos mananciais e assim por diante. A luta ambiental tem que ser popular, beneficiando círculos mais amplos possíveis da população do nosso país e, portanto, trabalhar uma pauta representativa dos interesses objetivos do povo.

INFORMA AGB - SOBRE O TERMO ECOLÓGICO, OS AUTORES QUE O UTILIZAM GANHAM OUTRA CONOTAÇÃO COM RELAÇÃO AO TERMO MEIO AMBIENTE?

Maurício Waldman: A nomenclatura é sempre meio ambiente para conselhos, entidades, etc. São querelas de nomes, uma forma de luta cultural. O termo ecológico, até 20 anos atrás, era atributo pejorativo, caso, por exemplo, do "eco-chato". Para abandonar rótulos, adota-se um termo mais técnico do que ecologia, que seria o caso de meio ambiente, mas tanto faz. A questão é resolver como a relação com a natureza será menos impactante. É também uma questão que nos leva a definir melhor o que é ou não natural. Temos neste caso o trabalho desenvolvido pelo professor Antonio Carlos Sant'Ana Diegues, *O Mito Moderno da Natureza Intocada*, trata justamente sobre a historicidade dos conceitos de natural e o artificial. Para Milton Santos, de certa forma o natural não existe, pois este, em termos de percepção, é sempre aquilo que aparece como novo para nós. Por exemplo, a

represa Billings, tida como objeto ecológico, foi na sua origem absolutamente antiecológica! Quando foi construída, a formação subsequente do reservatório causou impactos sem precedentes em toda a área atingida. É a história que vai dar o sentido às formas, naturais e sociais, que se imiscuem junto às sociedades humanas, sendo o movimento da sociedade o responsável último pela sua configuração. O aspecto cultural também detém um peso muito importante. Não se pode esquecer o papel desempenhado pelas concepções que as sociedades produzem sobre a natureza. Daí originam-se, por exemplo, os processos de *bestializar e animalizar* nossos oponentes, conferindo-lhes estereótipos negativos a partir de referências da natureza. Esta é uma questão cultural muito séria para a sociedade ocidental, diferentemente do mundo pré-colombiano, asiático ou africano, onde encontramos formas culturalmente mais brandas de percepção e de relação com a natureza.

INFORMA AGB - EM SEUS LIVROS, VOCÊ TRANSMITE UMA POSTURA DE OTIMISMO, MESMO TRATANDO DE PROBLEMAS TÃO COMPLEXOS...

Maurício Waldman: Hoje sou menos otimista do que era... Com trinta e oito milhões de Km² de buraco na camada de ozônio, e tantas outras questões, é difícil não ficar muito preocupado. Recorde-se que a necessidade de soluções é urgentes, mas quando muito elas chegam em conta gotas. A situação é muito mais difícil do que se colocava há anos atrás. Se não mudar em dez, quinze anos, talvez se chegue a um estado de não retorno. Esta sombria previsão está presente no excelente trabalho da pesquisadora canadense Lorraine Elliott, *The Global Politics of Environment*. Muitos segmentos já trabalham com o caráter irreversível de uma crise ambiental próxima. Basta acompanhar a cinematografia, que parece cumprir o papel de "anestesiá-la" as pessoas para o inevitável. Tornaram-se recorrentes nos últimos anos, os filmes que trabalham com a noção de *closed systems* - sistemas fechados - como seria o caso de *Vida de Trumman*. Todos estes filmes também trabalham no sentido de naturalizar uma miríade de efeitos negativos, colonizando assim o imaginário do futuro e preparando uma possível introjeção junto ao real. Sem querer ser alarmista, os problemas ambientais demandam soluções para ontem, sob a pena de que o futuro seja pior do que mostra a cinematografia. Questões como os desequilíbrios políticos, conflitos decorrentes da luta das nações não-representadas e a geopolítica internacional, nos permitem antever o surgimento explosões sociais cada vez mais intensas, acompanhadas de episódios bélicos, com desdobramentos imprevisíveis. Não podemos pensar a igualdade social sem igualdade política. Há uma relutância das nações ricas em querer resolver questões mundiais. Os E.U.A., país diretamente responsável pelo equilíbrio do planeta, tem dado seguidamente mostra de insensibilidade para com a questão ambiental. Como pensar um equilíbrio ambiental global quando a superpotência nórdica dissocia-se de qualquer responsabilidade sobre isto, recusando-se a apoiar, por exemplo, o Protocolo de Kyoto?

INFORMA AGB - SOBRE A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL. VOCÊ ACHA INTERESSANTE COLOCAR O MEIO AMBIENTE COMO TEMA TRANSVERSAL?

Maurício Waldman: Toda a educação ambiental tem que ser concreta, prática, ou não é educação ambiental. Toda proposta verdadeira tem que ser uma prática real ou então, alguma coisa está errada. Além do trabalho em sala de aula, é importante implantar procedimentos concretos, práticos, úteis. Este seria seguramente o caso da Coleta Seletiva de Lixo, preferencialmente com a participação da comunidade local. A transmissão de um conhecimento ecológico sistematizado é importante, mas deve estar acompanhada de medidas concretas, possibilitando a internalização de novos hábitos. Não se trata de "educar as gerações do futuro". São as gerações do aqui e do agora. Recorde-se de que é possível trabalhar a educação ambiental tanto como um tema transversal ou quanto na forma de disciplina. Em tese, é mais adequado disseminar esta preocupação no conjunto das disciplinas. Resta saber o que de fato será feito ou não e de que forma as dificuldades serão ou não ultrapassadas. Continuo a considerar como sendo o mais correto difundir a questão ambiental em todas as matérias, mesmo que exista uma disciplina específica sobre meio ambiente. De qualquer modo, cabe como sempre advertir que uma coisa é o modelo, outra é a realidade. É necessário que os modelos detenham condições de aplicabilidade, ou então, que sejam mudados.

INFORMA AGB - PARA CONCLUIR, GOSTARIA DE DEIXAR UMA MENSAGEM FINAL?

Maurício Waldman: Apesar de tudo, gosto muito de viver, mesmo com problemas grandes, às vezes assombrosos, tal como o relativo à camada de ozônio. Porém, uma coisa é ser realista, outra coisa é ser descrente e não acreditar na possibilidade de mudança. Este seguramente não é o meu caso.

AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU A REPRODUÇÃO DESTA ENTREVISTA DESDE QUE MENCIONADA A REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA, CONFORME ABAIXO DISCRIMINADO:

WALDMAN, Maurício, *Entrevista com o Autor*, Boletim INFORMA AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Local São Paulo, Nº 78, IIIº Trimestre, páginas 8-9, Depto de Geografia da FFLCH-USP, Cidade Universitária, USP, 2001.

PROF. DR. MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia english: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman
Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>